

---

SEMINÁRIO • VOLUME 01

# Doutrina da Bíblia

---

*Um estudo sobre a origem, a  
inspiração e a transmissão das  
Sagradas Escrituras.*

# Sumário.

---

|   |            |   |
|---|------------|---|
| — | Introdução | 6 |
|---|------------|---|

---

|    |                                         |    |
|----|-----------------------------------------|----|
| 01 | A Bíblia                                | 8  |
|    | 1.1 Outros nomes                        | 9  |
|    | 1.2 A estrutura da Bíblia               | 9  |
|    | 1.3 O Antigo Testamento                 | 11 |
|    | 1.4 O Novo Testamento                   | 12 |
|    | 1.5 O tema central da Bíblia            | 14 |
|    | 1.6 Fatos e particularidades da Bíblia  | 16 |
|    | 1.7 Jesus e seu conceito das Escrituras | 17 |

---

|           |                                            |    |
|-----------|--------------------------------------------|----|
| <b>02</b> | Inspiração das Escrituras                  | 19 |
|           | 2.1 Teorias falsas da inspiração da Bíblia | 22 |

---

|           |                                                  |    |
|-----------|--------------------------------------------------|----|
| <b>03</b> | O Cânon das Escrituras                           | 26 |
|           | 3.1 Os apócrifos e deuterocanônicos              | 28 |
|           | 3.2 Testes usados para determinar a canonicidade | 30 |

---

|           |                                |    |
|-----------|--------------------------------|----|
| <b>04</b> | Os idiomas originais da Bíblia | 33 |
|           | 4.1 Hebraico                   | 34 |
|           | 4.2 Aramaico                   | 34 |
|           | 4.3 Grego                      | 35 |

---

|           |                  |    |
|-----------|------------------|----|
| <b>05</b> | Materiais usados | 37 |
|-----------|------------------|----|

---

|           |                                |    |
|-----------|--------------------------------|----|
| <b>06</b> | Manuscritos                    | 39 |
|           | 6.2 Classificação              | 41 |
|           | 6.3 Os grandes códices unciais | 42 |

|           |                                          |    |
|-----------|------------------------------------------|----|
|           | 6.3.1 Manuscrito Sinaítico – Códice Alef | 42 |
|           | 6.3.2 Manuscrito Vaticano – Códice B     | 42 |
|           | 6.3.3 Manuscrito Alexandrino – Códice A  | 43 |
|           | 6.3.4 Manuscrito Efraim – Códice C       | 43 |
|           | 6.3.5 Manuscrito Beza – Códice D         | 44 |
| <hr/>     |                                          |    |
| <b>07</b> | Traduções da Bíblia                      | 45 |
|           | 7.1 Definição e distinção                | 46 |
|           | 7.1.1 A Septuaginta                      | 47 |
|           | 7.1.2 Pentateuco Samaritano              | 47 |
|           | 7.1.3 Traduções Siríacas                 | 47 |
|           | 7.1.4 A Tradução Latina (Vulgata Latina) | 49 |
| <hr/>     |                                          |    |
| <b>08</b> | As traduções para o português            | 51 |
|           | 8.1 Período das traduções completas      | 54 |
|           | 8.2 Tradução de Figueiredo               | 56 |
| <hr/>     |                                          |    |

|           |                    |    |
|-----------|--------------------|----|
| <b>09</b> | A Bíblia no Brasil | 58 |
|-----------|--------------------|----|

---

|          |             |    |
|----------|-------------|----|
| <b>—</b> | Referências | 63 |
|----------|-------------|----|

## PREFÁCIO

# Introdução

*Vivemos numa época em que a fé cristã se encontra cercada pelo ceticismo, racionalismo, materialismo e outros “ismos” que tentam colocar em descrédito a verdade absoluta da Palavra de Deus.*

Desde longas datas a Bíblia é desafiada quanto à sua veracidade. Há em toda sua história uma constante luta, que vem tentando destruir a Bíblia Sagrada; entretanto, estando as forças espirituais impossibilitadas nesses tempos finais, trocaram a tática e agora procuram perverter a mensagem das Escrituras.

Seitas e doutrinas falsas proliferam por toda parte, em sua maioria principiada e conduzida por líderes que se consideram inspirados por uma “divindade”, pelo “espírito divino”. Para muitos, a Bíblia não passa de mais um Livro, como qualquer outro.

Diferente dessa concepção, os cristãos crêem na Palavra de Deus de forma sólida, convicta e inalterável. Não é por acaso que a Bíblia é considerada o Livro dos livros, o maior de todos os tempos. Através de sua leitura, o homem pode ter conhecimento das coisas importantes do passado, presente e futuro.

Para fortalecer a fé do amado leitor, apresentaremos de forma concisa algumas provas da origem das Escrituras, as quais evidenciam esse Livro como sendo a verdadeira Palavra de Deus.

Desejamos que ao término desta leitura você seja edificado e chegue à conclusão de que vale a pena conhecer a Bíblia.

## CAPÍTULO UM

# 01

---

# A Bíblia

*Este vocábulo não se acha no texto das Sagradas Escrituras. Consta apenas em sua capa.*

Etimologicamente, a palavra “Bíblia” utilizada na língua portuguesa vem da palavra grega “biblos” que significa “um Livro”. No primeiro Livro do Novo Testamento lemos: “Livro (biblos) da genealogia de Jesus Cristo” (Mateus 1.1); uma forma diminutiva de “biblos” é “biblion” que significa “pequeno livro”, como se lê em (Lucas 4.17): “E foi-lhe dado o livro (biblion) do profeta Isaías; e, quando abriu o livro

(biblion), achou o lugar em que estava escrito...”. O termo “*biblos*” vem do nome dado à polpa interna da planta do papiro em que se escreviam os Livros sagrados. A palavra *Bíblia* quer dizer “coleção de Livros pequenos”. Com a invenção do papel, desapareceram os rolos, e a palavra “*biblos*” deu origem a “livro”. É consenso geral entre os doutores no assunto que o nome *Bíblia* foi primeiramente aplicado às Sagradas Escrituras por João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, no século IV.

## 1.1 Outros nomes

A Bíblia também é chamada de “Escritura”, palavra derivada do latim “*scriptura*” (Marcos 12.10; 15.28; Lucas 4.21; João 2.22; 7.38; 10.35; Romanos 4.3; Gálatas 4.30; 2 Pedro 1.20) e de “Escrituras” (Mateus 22.29; Marcos 12.24; Lucas 24.27; João 5.39; Atos 17.11; Romanos 1.2; 1 Coríntios 15.3–4; 2 Pedro 3.16). Esses termos significam “escritos sagrados”. O apóstolo Paulo usou “Sagradas Escrituras” (Romanos 1.2), “sagradas letras” (2 Timóteo 3.15) e “oráculos de Deus” (Romanos 3.2). Um dos nomes mais descritivos e satisfatórios é “Palavra de Deus” (Marcos 7.13; Romanos 10.17; 2 Coríntios 2.17; 1 Tessalonicenses 2.13; Hebreus 4.12).

## 1.2 A estrutura da Bíblia

A Bíblia se divide em duas partes principais conhecidas como Antigo e Novo Testamento, totalizando 66 Livros, sendo 39

no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento. Essa biblioteca de 66 livros, escrita num período de 1500 anos, teve cerca de 40 autores, das mais variadas profissões e atividades, viveram e escreveram em países, regiões e continentes distantes uns dos outros, em épocas e condições diversas, entretanto seus escritos formam uma harmonia perfeita. Dois dos escritores eram reis (Davi e Salomão). Dois eram sacerdotes (Jeremias e Ezequiel). Lucas era médico. Dois eram pescadores (Pedro e João). Dois eram pastores (Moisés e Amós). Paulo era fariseu. Daniel era político. Mateus era cobrador de impostos. Josué era soldado. Esdras era escriba. Neemias era mordomo. Isto prova que apenas Um os dirigia no registro da revelação divina: Deus.

A palavra “testamento”, nas designações “Antigo Testamento” e “Novo Testamento”, para as duas divisões da Bíblia, remonta através do latim “*testamentum*” ao termo grego “*diathéke*”, o qual na maioria de suas ocorrências na Bíblia grega significa “concerto” ou “aliança” em vez de “testamento”. Em (Jeremias 31.31), foi profetizado um novo concerto que iria substituir aquele que Deus fez com Israel no deserto (Êxodo 24.7-8). “Dizendo, novo concerto, envelheceu o primeiro” (Hebreus 8.13). Os escritores do Novo Testamento vêem o cumprimento da profecia do novo concerto na nova ordem inaugurada pela obra de Cristo. Suas próprias palavras ao instituir esse concerto (1 Coríntios 11.25) dão autoridade a esta interpretação. Os termos “Antigo Testamento” e “Novo Testamento”, nomeados para as duas

coleções de Livros, entraram no uso geral entre os cristãos na última parte do século II. Tertuliano traduziu “*diathéke*” para o latim por “*instrumentum*” (um documento legal) e também por “*testamentum*”. Infelizmente, foi a última palavra que vingou, considerando-se que as duas partes da Bíblia não são “testamentos” no sentido ordinário do termo.

## 1.3 O Antigo Testamento

Na Bíblia hebraica, os Livros estão dispostos em três divisões: *Lei*, *Profetas* e *Escritos*, totalizando 24, mas esses 24 correspondem exatamente ao nosso cômputo comum de 39, visto que os judeus contam como sendo um único Livro os *doze profetas*, e 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas e Esdras-Neemias. Escrito originalmente em hebraico com exceção de pequenos trechos que foram em aramaico. Este vernáculo, Israel trouxe consigo em sua bagagem quando regressou da Babilônia. Há também algumas palavras persas. O historiador judeu Flávio Josefo contou como sendo 22 Livros, porque reuniu Rute a Juizes e Lamentações a Jeremias.<sup>1</sup>

Esses Livros, como foi dito, estão classificados em três grupos, conforme os assuntos a que pertencem: *Lei*, *Profetas* e *Escritos*.

---

1. JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus – Contra Ápion*, I, 8.

**A Lei (*Torá*)** — comumente chamada de “Pentateuco”, são cinco Livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio;

**Os Profetas (*Nebhiim*)** — desdobram-se em duas subdivisões: os “Primeiros Profetas”, compreendendo Josué, Juízes, Samuel e Reis; e os “Últimos Profetas”, abarcando Isaías, Jeremias, Ezequiel e “O Livro dos Doze Profetas”;

**Os Escritos (*Kethbhim*)** — contêm o restante dos Livros: Salmos, Provérbios, Jó; depois, os “Cinco Rolos” (*Megilloth*) — a saber, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações de Jeremias, Eclesiastes e Ester; e finalmente, os “Livros Históricos” — Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas.

Esta divisão em três partes da Bíblia hebraica está de acordo com as palavras de Jesus: “São estas as palavras que vos disse, estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos” (*Lucas 24.44*). Mais comumente, o Novo Testamento refere-se à “Lei e os Profetas” (*Mateus 7.12*) ou a “Moisés e os Profetas” (*Lucas 16.29*).

## **1.4 O Novo Testamento**

O Antigo Testamento registra o que Deus falou no passado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, enquanto que o Novo Testamento registra a palavra final que Ele falou por seu Filho, em que tudo se consumou (*Hebreus 1.1*). Composto de 27 Livros, escrito no idioma grego; não no

grego clássico dos eruditos, mas no grego do povo comum, chamado *Koiné*. Seus 27 Livros estão classificados em quatro grupos, conforme o assunto a que pertencem:

**Biográficos (os 4 Evangelhos):** Mateus, Marcos, Lucas e João. Descrevem a vida terrena do Senhor Jesus e seu glorioso Ministério. Os três primeiros são chamados *Sinópticos*, devido a certo paralelismo que têm entre si.

**Históricos (1 Livro):** Atos dos Apóstolos. Registra a história da Igreja primitiva, seu viver, a propagação do Evangelho; tudo através do Espírito Santo, conforme Jesus prometera.

**Epístolas (21 Livros):** De Romanos a Judas. Contêm a doutrina da Igreja.

- 9 são dirigidas às Igrejas (de Romanos a 2 Tessalonicenses);
- 4 são dirigidas a indivíduos (de 1 Timóteo a Filemom);
- 1 é dirigida aos hebreus cristãos;
- 7 são dirigidas a todos os cristãos, indistintamente (de Tiago a Judas).

**Profético (1 Livro):** Apocalipse ou Revelação. Trata da volta pessoal do Senhor Jesus à Terra e das coisas que precederão esse glorioso evento. Nesse Livro temos a evidência de Jesus vindo com seus santos para:

- Destruir o poder gentílico mundial sob o reinado da Besta;

- Livrar Israel que estará no centro da Grande Tribulação;
- Julgar as nações;
- Estabelecer seu Reino Milenar.

Os primeiros documentos do Novo Testamento a serem escritos foram as Epístolas do apóstolo Paulo. Estas (junto possivelmente com a Epístola de Tiago) foram compostas entre 48 e 60 d.C., antes mesmo que o mais antigo dos Evangelhos fosse escrito. Os quatro Evangelhos pertencem às décadas entre 60 e 100 d.C., e é também a esse período que se atribui o outro escrito do Novo Testamento.

## 1.5 O tema central da Bíblia

*Jesus é o tema central da Bíblia.* Ele mesmo nos declara em (João 5.39): “Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”. A *mensagem central* da Bíblia é a história da salvação e, ao longo de ambos os Testamentos, podem ser distinguidos três elementos comuns nessa história reveladora: aquele que traz a salvação, o meio de salvação e os herdeiros da salvação. Isso poderia ser reformulado sob o aspecto da ideia do concerto, dizendo que a mensagem central da Bíblia é o concerto de Deus com os homens e que os elementos comuns são: o Mediador do concerto, a base do concerto e o povo do concerto. Deus mesmo é o Salvador de seu povo; é Ele que confirma seu concerto de misericórdia com o povo.

Quem traz a salvação, o Mediador do concerto, é Jesus Cristo, o Filho de Deus. O meio da salvação, a base do concerto, é a graça de Deus, que exige de seu povo uma resposta de fé e obediência. Os herdeiros da salvação, o povo do concerto, são o Israel de Deus, a Igreja de Deus. Tomando o Senhor Jesus como o centro da Bíblia, podem-se resumir os 66 Livros em cinco tópicos referentes a Ele:

**Preparação** — Todo o *Antigo Testamento*, pois trata da *preparação* para o advento de Cristo;

**Manifestação** — Os *Evangelhos*, que tratam da *manifestação* de Cristo;

**Propagação** — O Livro de Atos, que trata da *propagação* de Cristo;

**Explicação** — As *Epístolas*, que são as *explicações* das doutrinas de Cristo;

**Consumação** — O Livro de Apocalipse, que trata da *consumação* de todas as coisas preditas através de Cristo.

A mensagem da Bíblia é a “mensagem de Deus para o homem, comunicada muitas vezes e de muitas maneiras” (*Hebreus 1.1*) e finalmente encarnada em Jesus. Por conseguinte:

“A autoridade da Santa Escritura, a qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de algum homem ou Igreja, mas inteiramente de Deus (que é a própria verdade), Seu

*Autor; e, portanto, deve ser recebida, por ser a Palavra de Deus” (Confissão de Fé de Westminster, 1.4).*

## **1.6 Fatos e particularidades da Bíblia**

A Bíblia não era dividida em *capítulos* e *versículos*. A divisão em *capítulos* foi feita no ano de 1250, pelo cardeal Hugo de Saint Cher, abade dominicano e estudioso das Escrituras. A divisão em *versículos* foi feita de duas vezes. O Antigo Testamento em 1445, pelo rabi Nathan; o Novo Testamento em 1551 por Robert Stevens, um impressor de Paris. A primeira Bíblia a ser publicada inteiramente dividida em versículos foi a *Bíblia de Genebra*, em 1560. É de suma importância que o estudante compreenda que estas divisões não faziam parte dos textos originais, não foram inspiradas.

A Bíblia toda contém 1.189 capítulos e 31.173 versículos, destes, 929 capítulos e 23.214 versículos ocorrem no Antigo Testamento; 260 capítulos e 7.959 versículos, no Novo Testamento. O número de palavras e letras depende do idioma e da versão. O maior capítulo é o Salmo 119, e o menor o Salmo 117. O maior versículo está em Ester 8.9; o menor, em Êxodo 20.13 (isso, nas versões portuguesas e com exceção da chamada “Tradução Brasileira”, onde o menor é Lucas 20.30). Nos Livros de Ester e Cantares não consta o Nome de Deus, porém a presença de Deus é evidenciada nos fatos neles desenrolados, mormente em Ester. Há na Bíblia 8.000 menções de Deus sob vários Nomes divinos, e 177 menções do diabo, sob seus vários nomes. O Nome de Jesus

consta no primeiro e no último versículo do Novo Testamento. As traduções da Bíblia (toda ou em parte) até 1984 atingiram 1.796 idiomas. Restam ainda cerca de 1.000 línguas a ser traduzida.

## **1.7 Jesus e seu conceito das Escrituras**

Muitas pessoas já ouviram falar de Jesus, sabem quem Ele é, creem que Ele operou muitos milagres; creem em Sua ressurreição e ascensão, mas não creem na Bíblia! Qual foi a atitude e posição Dele quanto à Bíblia? Ele leu-a (*Lucas 4.16-20*); ensinou-a (*Lucas 24.27*); chamou-a de “Palavra de Deus” (*Marcos 7.13*); e cumpriu-a (*Lucas 24.44*). Em uma de Suas últimas referências (*Lucas 24.44*) ele depositou sua aprovação em todas as Escrituras do Antigo Testamento, pois “Lei, Salmos e Profetas” eram as três divisões da Bíblia nos dias do Novo Testamento.

Jesus também afirmou que as Escrituras são a Verdade (*João 17.17*). Ele viveu e procedeu de conformidade com ela (*Lucas 18.31*). Declarou que o salmista Davi falou pelo Espírito Santo (*Marcos 12.35-36*). Venceu o diabo no deserto com a Palavra de Deus (*Mateus 4.9-10*). Ele declarou que “aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (*João 14.26*). No mesmo Evangelho, o Senhor Jesus ainda disse que o Espírito Santo os guiaria “em toda verdade”. Portanto, no Novo Testamento temos a essência da Revelação divina.

Jesus, nos Seus ensinamentos, citou pelo menos 15 Livros do Antigo Testamento, e ainda fez alusão a muitos outros. Tanto no modo de falar quanto nas declarações específicas, demonstrava com clareza a Sua estima pelas Escrituras do Antigo Testamento como sendo a Palavra de Deus.

O Mestre da Galileia reivindicava a autoridade divina não somente para as Escrituras do Antigo Testamento, como também para seus próprios ensinamentos. Afirmou que “o que ouve as suas palavras e as pratica é sábio” (Mateus 7.24), porque os seus ensinamentos provêm de Deus (João 7.15-17; 8.26-28; 12.48-50; 14.10).

# 02

---

## Inspiração das Escrituras

*Sua autoria divina é vista no texto clássico sobre a inspiração em (2 Timóteo 3.16). Aqui Paulo declara que: “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça”.*

A palavra grega *θεόπνευστος* – *theopneustos*, que aqui é traduzida por “divinamente inspirada”, significa que foi “respirada por Deus”. Essa palavra grega não é usada em nenhuma outra parte da Bíblia, e nunca foi achada em nenhuma literatura grega escrita antes desse texto. É possível que essa palavra tenha sido criada pelo Espírito Santo para descrever a incomparável inspiração divina das Escrituras. Literalmente, significa “dada pelo Espírito de Deus”, o que enfatiza que o produto final é assim: Deus falando diretamente à humanidade.

Por inspiração das Escrituras entendemos ser influência sobrenatural do Espírito Santo sobre os autores das Escrituras, que converteu seus escritos em um registro preciso da revelação ou que faz que seus escritos sejam realmente a Palavra de Deus. É importante distinguir *revelação, inspiração e iluminação*. A *revelação* é o ato de Deus mediante o qual Ele comunica diretamente a verdade antes desconhecida para a mente humana – verdade que não poderia ser conhecida de qualquer outra maneira. A *inspiração* está ligada à comunicação da verdade.

Nem todo conteúdo da Bíblia foi diretamente revelado aos homens. Ela contém registros históricos e muitas observações pessoais. Porém estamos seguros de que estes registros são verídicos. O Espírito Santo dirigiu e influenciou os escritores, a fim de que, por inspiração, não cometessem qualquer erro de verdade ou doutrina. A Bíblia registra as palavras e os atos de Deus, dos homens e do diabo. É de

suma importância verificar cuidadosamente quem está falando. Alguns confundem inspiração com iluminação. A iluminação se refere à influência do Espírito Santo comum a todos os cristãos, que os ajuda a entender as coisas de Deus. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parece loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 *Coríntios* 2.14). Pedro cita um exemplo interessante em que os profetas receberam inspiração para registrar grandes verdades, mas não lhes foi outorgada iluminação para compreender o sentido exato do que profetizaram: “Da qual salvação inquiriu e tratou diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, para as quais coisas os anjos desejam bem atentar” (1 *Pedro* 1.10-12).

A iluminação admite graduação, a inspiração não. As pessoas variam no que dizem respeito à iluminação, possuindo algumas, um grau maior de discernimento que outras. Mas no caso de inspiração, no sentido bíblico, o indivíduo é ou não inspirado.

Toda Escritura foi divinamente inspirada, mas nem toda ela foi dada por revelação. Moisés, por exemplo, ora escreveu inspirado, ora por revelação como os primeiros capítulos de Gênesis. Temos exemplos nas Escrituras que foram dadas por revelação: José interpretando os sonhos de Faraó (Gênesis 40.8; 41.15-16,38-39); Daniel declarando ao rei Nabucodonosor o sono que este havia esquecido, e em seguida interpretando-o (Daniel 2.2-7,19,28-30); os escritos do apóstolo Paulo (Gálatas 1.11-12).

Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria? (Números 23.19). A Bíblia não mente, mas registra mentiras que outros proferiram. Nesses casos, não é a mentira do registro que foi inspirada, e sim o registro da mentira. A Bíblia registra declarações de Satanás, todavia suas declarações não foram inspiradas por Deus, e sim o registro delas (Jó 1.7; 2.1).

O que não foi revelado não pode ser conhecido, estudado ou explicado.

## **2.1 Teorias falsas da inspiração da Bíblia**

Quanto à inspiração da Bíblia, há várias teorias falsas que o estudante não deve ignorar. Algumas são antiquíssimas, outras têm surgido recentemente e ainda outras irão aparecer. Na sua maioria, a verdade vem junto com o erro, e muitos têm se deixado enganar. Apresentaremos algumas

das teorias falsas acerca da inspiração da Bíblia e por fim a aceita pelos cristãos genuínos.

- a)** *Teoria da inspiração natural humana* – ensina que a Bíblia foi escrita por homens dotados de gênio e força intelectual especiais como Sócrates, Platão, Milton e inúmeros outros. Os escritores da Bíblia reivindicam que era Deus quem falava através deles (2 Samuel 23.2 com Atos 1.16; Jeremias 1.9 com Esdras 1.1; Ezequiel 3.16-17; Atos 28.25);
- b)** *Teoria da inspiração divina comum* – ensina que a inspiração dos escritores da Bíblia é a mesma que hoje nos vem quando oramos, pregamos, cantamos, ensinamos;
- c)** *Teoria da inspiração parcial* – ensina que algumas partes da Bíblia são inspiradas, outras não; que a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas apenas contém a Palavra de Deus. O perigo deste ponto de vista é colocar nas mãos do homem finito, frágil e falível o poder de determinar o quê e quando Deus está falando. Desse modo, outorga-se ao homem poder sobre a Verdade Infinita, em vez de sujeitar-se a ela;
- d)** *Teoria da inspiração de ideias* – ensina que Deus inspirou as ideias da Bíblia, mas não as suas palavras. Estas ficaram a cargo dos escritores. Ora, esta teoria falha, pois a expressão do pensamento é através da palavra, não dá para separar a palavra da ideia;

A teoria correta da inspiração da Bíblia é chamada de *Teoria da Inspiração Plenária ou Verbal* – ensina que todas as palavras da Bíblia foram inspiradas nos seus *autógrafos* originais; que os escritores não funcionaram como máquinas inconscientes, mas houve uma cooperação vital entre eles e o Espírito de Deus que os capacitava. Esses homens escreveram a Bíblia com as palavras de seu vocabulário, porém sob uma influência tão poderosa do Espírito Santo, que o que eles escreveram foi a Palavra de Deus. A inspiração plenária cessou ao ser escrito o último Livro do Novo Testamento. Depois disso, nem mesmo escritores, nem qualquer servo de Deus, podem ser chamados de inspirado no mesmo sentido.

Aceitar a Bíblia como parcialmente inspirada não é adequado para a interpretação correta. Devemos aceitá-la como a revelação de Deus, e isso abrange a totalidade da Bíblia, palavra por palavra; devemos reconhecer que ela não contém nenhum erro nos fatos da história, da ciência, e das questões da fé ou da conduta. Isso nos leva a usar quatro palavras para descrever o nível da inspiração das Escrituras: *verbal, plenária, infalível e inerrante*.

**Verbal**

Todas as palavras são inspiradas.

---

**Plenária**

Todas as partes são igualmente inspiradas.

---

**Infalível**

Todas as questões de fé e da moral são certas.

---

**Inerrante**

Todas as questões da ciência e da história são certas.

# 03

---

## O Cânon das Escrituras

*A palavra “cânon” vem do grego Kanon, que significa “cana” ou “vara de medir”, e indica uma regra, uma norma.*

Sendo assim, o cânon da Bíblia consiste naqueles Livros considerados divinamente inspirados para serem incluídos nas Sagradas Escrituras. Na época de Jesus, os 39 Livros do Antigo Testamento já eram plenamente aceitos pelo

judaísmo como divinamente inspirados. Todavia, foi somente no ano 90 d.C, em Jâmnia, perto da moderna Joazeiro, em Israel, que os rabinos, num Concílio sob a presidência de Yohanan Ben Zakai, reconheceram e fixaram o cânon do Antigo Testamento. Por isso, não houve canonização de Livros em Jâmnia. O trabalho desse Concílio foi somente ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através dos séculos.

Flávio Josefo, historiador judeu (37 – 100 d.C.), contemporâneo do apóstolo Paulo, em seus escritos, “Contra Apion” declarou:

*“Porque não temos entre nós uma quantidade enorme de livros, que discordam e se contradizem entre si (como acontece com os gregos), mas apenas vinte e dois livros, que contêm os registros de todos os tempos passados, que cremos justamente serem divinos... e quão firmemente damos crédito a esses livros de nossa própria nação fica evidente pelo que fazemos; porque durante tantos séculos que já se passaram, ninguém teve ousadia suficiente para acrescentar nada a eles, cancelar qualquer coisa, nem fazer neles qualquer modificação; tendo-se tornado natural a todo judeu desde seu nascimento estimar esses livros como contendo doutrinas divinas, e perseverar nelas; e, caso necessário, morrer voluntariamente por elas.”<sup>2</sup>*

Antes de terminar o século primeiro, todos os Livros do Novo Testamento estavam escritos. O que demorou foi o

---

**2.** JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus – Contra Apion, I, 8. CPAD: Rio de Janeiro, 2001.

reconhecimento canônico, isto devido ao cuidado que as Igrejas tinham em preservar a sã doutrina. Neste tempo surgiram muitos escritos heréticos e espúrios com pretensão apostólica. Muitas doutrinas heréticas, tais como as defendidas pelos *gnósticos*, que negavam a encarnação de Cristo; pelos *céticos*, que negavam a realidade da humanidade de Cristo; e pelos *monofisistas*, que rejeitavam a dualidade da natureza de Cristo, eram encontradas nestes livros.

Muitos Livros antes de serem finalmente reconhecidos como canônicos foram duramente debatidos. Houve muita relutância quanto às epístolas de Pedro, João e Judas bem como ao Apocalipse. Tudo isto revela o cuidado que a Igreja tinha e a responsabilidade que envolvia a canonização. No ano de 397 d.C., no Concílio de Cartago foi definitivamente reconhecido e fixado o cânon do Novo Testamento. Antes do ano 400 d.C., todos os Livros estavam aceitos como regra de fé para os cristãos.

Atualmente a Bíblia constitui o “cânon” ou “vara de medir” pelo qual tudo mais deve ser medido ou avaliado, pelo fato de ter autoridade concedida por Deus.

### **3.1 Os apócrifos e deuterocanônicos**

No grego clássico a palavra “*apocrypha*” significava “oculto” ou “difícil de entender”, isto em referência a livros que tratavam de coisas secretas, misteriosas, ocultas.

Posteriormente, tomou o sentido de esotérico, ou algo que somente os iniciados podiam entender, jamais os de fora. Enquanto a palavra “deuterocanônico” significa “segundo cânone”. Os Apócrifos ou Deuterocanônicos foram escritos principalmente no tempo entre o Antigo e Novo Testamento, ou seja, no período intertestamentário.

No século III e IV, pela época de Irineu e Jerônimo, o vocábulo apocrypha veio a ser aplicado aos livros não-canônicos do Antigo Testamento.

A Septuaginta (LXX), tradução feita do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita em 280 a.C e 180 a.C., foi a primeira a incluir os livros apócrifos. Jerônimo no ano de 405 d.C. os incluiu em sua tradução latina do Antigo Testamento chamada *Vulgata*, porque lhe fora ordenado, mas recomendou que esses livros não fossem usados com base doutrinária. Por esse motivo, os cristãos que falavam o grego usavam esses livros, juntamente com o Antigo Testamento canônico.

Os reformadores foram em partes os grandes responsáveis pela eliminação dos apócrifos da Bíblia, por haver neles elementos inconsistentes com a doutrina protestante (por exemplo, oração aos mortos e intercessão aos santos).

Foi em 1545, no Concílio de Trento, que a Igreja Católica Romana proclamou alguns livros apócrifos como canônicos, detentores de autoridade espiritual para seus fiéis, dando a eles a nomenclatura de *deuterocanônicos*, ou seja, um segundo cânon. Os quatorze livros apócrifos

(deuterocanônicos) são: 1 e 2 Esdras, Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, adições ao Livro de Ester com a Epístola de Jeremias, a Canção das Três Crianças Santas, a História de Suzana, Bel e o Dragão, a Oração de Manassés adições ao Livro de Daniel. Foram excluídos nesse Concílio somente I e II Esdras e a Oração de Manassés, sendo até hoje aceita essa posição pela Igreja Católica Romana.

### **3.2 Testes usados para determinar a canonicidade**

Em toda história houve falsos livros e falsas mensagens. É de longa data que existem diferentes opiniões acerca dos Livros que deveriam ser incluídos no Antigo Testamento. Nos tempos pré-cristãos, os samaritanos rejeitavam todos os Livros do Antigo Testamento, exceto o Pentateuco. Por volta do século II a.C. em diante, obras pseudônimas, em sua maioria de caráter apocalíptica, reivindicavam para si condição de *escritura inspirada* e encontravam aceitação em alguns grupos de pessoas.

Jâmnia depois da destruição de Jerusalém (70 d.C.) tornou-se a sede do Sinédrio – o Supremo Tribunal dos judeus. Em 90 d.C. nesta cidade, perto da moderna Joaze, em Israel, os rabinos, num Concílio sob a presidência de Yohanan Ben Zakai, reconheceram e fixaram o cânon do Antigo Testamento. Houve muitos debates acerca da aprovação de certos Livros, especialmente dos “Escritos”. Note-se, porém

que o trabalho desse Concílio foi apenas ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através de séculos.

No período patrístico, havia dúvida entre os cristãos se os livros apócrifos da Bíblia grega e latina deveriam ser considerados inspirados ou não. Esta controvérsia culminou na Reforma, porque a Igreja Católica insistia que os livros apócrifos faziam parte do Antigo Testamento, como sendo inspirado, o que era negado pelas Igrejas protestantes.

O que qualifica um livro para um lugar no cânon do Antigo ou Novo Testamento não é simplesmente o fato de ser *antigo, informativo e útil*; mas sim que tenha autoridade de Deus para o que diz.

Como o Antigo Testamento estava estabelecido como Palavra de Deus, fez-se necessário que a Igreja de Deus administrasse diligentemente sua coleção de Livros sagrados após a morte dos apóstolos. Os seguintes princípios foram usados para determinar a posição de um Livro no cânon:

- 1.** *Apostolicidade.* O Livro foi escrito por um apóstolo, ou por alguém associado de perto com os apóstolos? Esta questão tinha especial importância com respeito a Marcos, Lucas, Atos e Hebreus, já que Marcos e Lucas não se encontravam entre os doze e a autoria de Hebreus era desconhecida.
- 2.** *Conteúdo Espiritual.* O Livro estava sendo lido nas Igrejas e seu conteúdo era meio de edificação espiritual? Este era um teste muito prático.

3. *Exatidão Doutrinária.* O conteúdo do Livro era doutrinariamente correto? Qualquer livro contendo heresia, ou contrário aos Livros canônicos já aceitos, era rejeitado.
4. *Uso.* O Livro fora universalmente reconhecido nas Igrejas, sendo amplamente citado pelos Pais da Igreja?
5. *Inspiração Divina.* Ele dava verdadeira evidência de inspiração divina?

# 04

---

## Os idiomas originais da Bíblia

*As línguas utilizadas no registro da revelação de Deus, a Bíblia, vieram de famílias de línguas semíticas e indo-europeias.*

Da família semítica se originaram as línguas básicas do Antigo Testamento, quais sejam, o hebraico e o aramaico (síriaco). Além dessas línguas, o latim e o grego representam a família indo-europeia.

Essas línguas continuam ainda a serem faladas em algumas partes do mundo contemporâneo. O *hebraico* é a língua oficial do Estado de Israel. O *aramaico* é falado por alguns cristãos nas vizinhanças da Síria. O *grego*, embora muito diferente daquele falado no Novo Testamento, é falado por muitas pessoas hoje.

De modo indireto, os fenícios exerceram um papel importante na transmissão da Bíblia, ao criar o veículo básico de propagação das letras: inventaram o alfabeto.

## **4.1 Hebraico**

Quase todos os 39 Livros do Antigo Testamento foram escritos em hebraico, exceto algumas passagens de Esdras, Jeremias e Daniel que foram escritas em aramaico. A mais extensa é em Daniel, que vai de 2.4 a 7.28. A língua hebraica é chamada no Antigo Testamento “língua de Canaã” (*Isaías* 19.18) e “língua judaica” ou “judaico” (2 Reis 18.26,28; *Isaías* 36.13). Como a maior parte das línguas do ramo semítico, o hebraico lê-se da direita para a esquerda. O alfabeto compõe-se de 22 letras, todas consoantes.

## **4.2 Aramaico**

Um idioma aparentado com o hebraico, o aramaico tornou-se a língua comum na Palestina depois do cativeiro babilônico. A influência do aramaico foi profunda sobre o hebraico começando no cativeiro do reino de Israel, em 722

a.C., na Assíria, e continuando através do cativeiro do reino do Sul (Judá), em 587 a.C., na Babilônia. Em 536 a.C, quando Israel começou a regressar do exílio, falava o aramaico como língua nacional. É por isso que quando Esdras leu as Escrituras em hebraico foi preciso de intérprete (*Neemias* 8.5,8). Temos algumas palavras aramaicas preservadas para nós no Novo Testamento: *Talitá cumi* (menina levanta-te), em Marcos 5.41; *Efatá* (abre-te), em Marcos 7.34; *Eli, Eli, lamá sabactâni* (Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste), em Mateus 27.46. Em Romanos 8.15 e Gálatas 4.6 o apóstolo Paulo usou *abba* (Pai) em aramaico. O aramaico é também chamado “síriaco”, no Norte (2 Reis 18.26; *Esdras* 4.7; *Daniel* 2.4 ARC), e também “caldaico”, no Sul (*Daniel* 1.4).

Devido aos hebreus terem adotado o aramaico como uma língua, no Novo Testamento esta passou a chamar-se “hebraico”, conforme se lê em *Lucas* 23.38; *João* 5.2; 19.13,17,20; *Atos* 21.40; 26.14.

## 4.3 Grego

Esta é a língua que foi originalmente escrito o Novo Testamento. O grego do Novo Testamento não é o grego clássico dos filósofos, mas o dialeto popular do homem da rua, dos comerciantes, dos estudantes, que todos podiam entender: era o grego “*Koiné*”. A mão de Deus pode ser vista nisto, porque o grego era o idioma internacional do século I, tornando assim possível a divulgação do evangelho através

de todo o mundo então conhecido. O alfabeto grego tem 24 letras; a primeira é Alfa e a última Ômega.

# 05

---

## Materiais usados

*Desde os tempos mais remotos, o homem usou vários materiais sobre os quais escrevia, dentre eles destacamos:*

**Pedra** – Foi empregada no Egito, Síria, Mesopotâmia, Israel e outros países. Os caracteres – *cuneiformes* ou *hieróglifos* – eram gravados, por exemplo, do Código de Hamurabi, dos textos da Pedra Roseta e da Pedra Moabita.

**Tabuinha de barro ou argila** – Material usado desde tempos imemoriais na região da Mesopotâmia. Foi usado por

Jeremias (17.13) e por Ezequiel (4.1). Dois tipos de cerâmica têm sido encontrados pelos arqueólogos: seca ao sol e seca ao forno.

**Madeira** – Eram bastante usadas pelos antigos para escrever. Alguns acreditam que esse tipo de material de escrita foi usado por Isaías (30.8), Habacuque (2.2) e por Zacarias, pai de João Batista (Lucas 1.63).

**Papiro** – Eram folhas de uma planta (*Cyperus papyrus*), cujo talo cilíndrico alcança dois metros ou mais. Esse talo era descascado e estendido em sentido cruzado, prensado, raspado e polido. Foi o material que o apóstolo João usou para escrever o Livro do Apocalipse (5.1) e suas cartas (2 João 12). Continua sendo usado largamente no Egito, até hoje.

**Velino, pergaminho e couro** – São palavras que designam os vários estágios de produção de um material de escrita feito de peles de animais. Era curtido, raspado e polido. Todavia os termos eram usados intercambiavelmente, o *velino* era preparado originalmente com pele de bezerros e antílopes, enquanto o *pergaminho* era de pele de ovelhas e cabras.

Foi usado pela primeira vez na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, ao tempo do rei Eumenes II (197-158 a.C.). Devido à falta de papiro que recebia do Egito para formar sua biblioteca, foi-lhe necessário obter um novo material de escrita. O resultado é conhecido como velino ou pergaminho.

# 06

---

## Manuscritos

*Palavra portuguesa que vem do latim, “manus-mão” e “scriptus-escrita”, ou seja, um “documento-escrito à mão”.*

Essa palavra como usada hoje, é restrita àquelas cópias da Bíblia feitas no mesmo idioma em que foram originalmente escritas.

Os originais, autênticos, escritos pelas mãos de um profeta ou apóstolo, ou de um amanuense, sempre sob a direção do homem de Deus, eram chamados de *autógrafos*. Esses não

existem mais, por essa razão, precisaram ser reconstituídos a partir de manuscritos antigos das Escrituras.

Na ocasião em que a Bíblia veio a ser impressa (1455 a.D.), havia mais de 2.000 manuscritos nas mãos de certos letrados, todavia, todos incompletos. Atualmente há cerca de 4.000 manuscritos das Escrituras.

O professor Antônio Gilberto com maestria que lhe é peculiar informa algumas causas do desaparecimento dos manuscritos:

- 1.** O costume dos judeus de enterrar todos os manuscritos estragados pelo uso ou qualquer outra coisa; isto para evitar mutilação ou interpolação espúria.
- 2.** Os reis idólatras e ímpios de Israel podem ter destruído a muitos, ou contribuído para isso (Veja o episódio de Jeremias 36.20-26).
- 3.** O monstro Antíoco Epifânio, rei da Síria (175-164 a.C.), dominou sobre a Palestina durante seu reinado. Foi extremamente cruel, sádico; tinha prazer em aplicar torturas. Decidiu exterminar a religião judaica. Assolou Jerusalém em 168, profanou o Templo e destruiu todas as cópias que achou das Sagradas Escrituras.
- 4.** Nos dias do feroz imperador Diocleciano (284-305 d.C.), os perseguidores dos cristãos destruíram quantas cópias acharam das Escrituras. Durante dez anos

Diocleciano mandou vasculhar o Império para destruir todos os escritos sagrados. Ele chegou a julgar que tivesse destruído tudo, pois mandou cunhar uma moeda comemorando tal “vitória”.<sup>3</sup>

Nos tratados sobre a Bíblia, a palavra *manuscrito* é sempre indicada pela abreviatura MS, no plural MSS ou MSs, a qual utilizaremos de agora em diante.

## 6.2 Classificação

Os MSs estão divididos em duas classes, segundo as letras:

**Unciais** – (do latim *uncia*, polegada), são assim chamados por serem escritos em letras maiúsculas, sem separação de palavras como se escrevêssemos AMOAPRISCILA. Trata-se dos MSs mais antigos.

**Cursivos** – receberam este nome por serem escritos com letras “cursivas”, ou “à mão”. São escritos em letras minúsculas, mais comuns no grego, também com palavras ligadas entre si. Dos 4.500 manuscritos existentes, cerca de 300 são unciais e os restantes, cursivos.

---

**3.** GILBERTO, Antonio. *A Bíblia através dos séculos*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995, p. 77.

## **6.3 Os grandes códices unciais**

### **6.3.1 Manuscrito Sinaítico – Códice Alef**

Um dos primeiros manuscritos unciais datado de 340 a.C., o Sinaítico foi descoberto em 1844 pelo Dr. Constantine Tischendorf, no convento de Santa Catarina, no monte Sinai. Este pesquisador descobriu as páginas do manuscrito no monastério, onde os monges as utilizavam para ascender fogo. Nesse mesmo ano, ele descobriu 43 folhas de velino contendo porções da Septuaginta (1 Crônicas, Jeremias, Neemias e Ester). Quinze anos mais tarde conseguiu obter as folhas restantes, com a ajuda do Czar da Rússia, Alexandre II. Escrito em grego, ele contém mais da metade do Antigo Testamento (LXX) e todo Novo Testamento (com exceção de Marcos 16.9-20 e João 7.58-8.11) e ainda todos os apócrifos do Antigo Testamento, a Epístola de Barnabé e O pastor, de Hermas. É o único que contém o Novo Testamento completo. Atualmente se encontra no museu Britânico.

### **6.3.2 Manuscrito Vaticano – Códice B**

Este uncial famoso datado do século IV (350, possivelmente 325 a.D.), está escrito em grego e contém a tradução da Septuaginta do Antigo Testamento, os apócrifos (com exceção dos livros dos Macabeus e da Oração de Manassés) e o Novo Testamento. No Antigo Testamento está faltando Gênesis 1.1 – 46.28, 2 Reis 2.5-7, 10.13 e Salmos 106.27 – 136.6. No Novo Testamento faltam Marcos 16.9-20, João 7.53-8.11 e Hebreus 9.14 até o fim do Novo Testamento, incluindo as

Epístolas Pastorais (1 e 2 Timóteo, Tito e Filemom) e Apocalipse (mas não as Epístolas Gerais: Tiago, 1 e 2 Pedro, 1,2 e 3 João e Judas).

Como o nome sugere, este manuscrito se encontra agora na Biblioteca do Vaticano em Roma, onde foi catalogado pela primeira vez em 1481.

### **6.3.3 Manuscrito Alexandrino – Códice A**

Este manuscrito, o último dos três maiores unciais considerado aqui, data do século V (cerca de 450 a.D.), embora contenha tanto o Antigo como o Novo Testamento, algumas partes estão faltando. Em 1078 esse códice foi dado de presente ao patriarca de Alexandria, que lhe deu a designação que ostenta até hoje. Encontra-se na Biblioteca Nacional do Museu Britânico em Londres, na Inglaterra. Não chega a alcançar o elevado padrão dos manuscritos Vaticano e Sinaítico.

### **6.3.4 Manuscrito Efraim – Códice C**

Este manuscrito contém partes do Antigo e Novo Testamento. Existem agora apenas 64 folhas do Antigo Testamento e 145 do Novo Testamento. Suspeita-se que se originou de Alexandria, no Egito, e data do século V (por volta de 450).

Este manuscrito foi raspado, por isso chamado de *palimpsesto*. O texto sagrado foi apagado para que nesses pergaminhos se escrevesse sermões de Efraim (299-378), pai

da Igreja do século IV. Por esta razão foi chamado de Manuscrito Efraim.

Mediante uma solução química, o Dr. Tischendorf foi capaz de decifrar as escritas quase invisíveis dos pergaminhos. Esse manuscrito está guardado na Biblioteca Nacional de Paris.

### **6.3.5 Manuscrito Beza – Códice D**

Também chamado de Códice de Cambridge, data do século VI (550 a.D.). Este é o mais antigo manuscrito conhecido escrito em dois idiomas. A página esquerda é em grego, enquanto o texto correspondente em latim fica do lado oposto, à direita. Foi descoberto em 1562, por Teodoro Beza, teólogo francês. Com algumas omissões, contém os Evangelhos, 3 João 11-15 e Atos.

## CAPÍTULO SETE

# 07

---

## Traduções da Bíblia

*A transmissão da revelação da parte de Deus para os homens gira em torno de três fases históricas significativas: a invenção da escrita antes de 3000 a.C.; o início das traduções antes de 200 a.C.; o surgimento da imprensa antes de 1600 d.C.*

Depois dos manuscritos, a próxima forma mais importante das Escrituras, que dá testemunho da sua antiguidade, são as *versões*. A versão é uma tradução do idioma original de um manuscrito em outro idioma. Existem inúmeras versões, mas apenas algumas serão consideradas como exemplos para este estudo, antes, todavia, de seguirmos em frente, é necessário que entendamos com clareza certos termos técnicos da história da tradução da Bíblia.

## 7.1 Definição e distinção

Em cada ramo da ciência existem termos técnicos usados para designar seu significado. Estes termos jamais devem ser confundidos, pois seu uso pode causar ambígua interpretação. Assim acontece quando o assunto é tradução e em especial das Escrituras. Aquele que traslada de uma língua para outra deve evitar confusão desses termos. Por exemplo, *Tradução*, *tradução literal* e *transliteração*. Esses três termos estão intimamente correlacionados. *Tradução* é o processo de conversão de uma linguagem em outra. Por exemplo, do inglês para o francês, esse trabalho se chamaria tradução. A *tradução literal* é a tentativa de expressar, com toda a fidelidade possível e o máximo de exatidão, o sentido das palavras originais do texto que está sendo traduzido. Trata-se de uma transcrição textual, palavra por palavra. A *transliteração* é a versão das letras de um texto em certa língua para as letras correspondentes de outra língua. Passamos então as versões mais conhecidas.

### **7.1.1 A Septuaginta**

Septuaginta significa “setenta”. A abreviação desta versão é LXX, sendo às vezes chamada de “Versão Alexandrina”, por ter sido traduzida no reinado de Ptolomeu II Filadelfo na cidade de Alexandria, Egito (284 – 247 a.C.). Conta-se que setenta e dois eruditos procedentes da Palestina (seis de cada uma das doze tribos de Israel) que viajaram para Alexandria, traduziram o Pentateuco do Antigo Testamento hebraico para o grego em setenta e dois dias. Faz necessário salientar que com o tempo essa palavra viria denotar a tradução para o grego de todo o Antigo Testamento hebraico.

Esta é talvez a mais importante das versões, por sua data antiga e influência sobre outras traduções. Além dos 39 Livros do Antigo Testamento, ela contém os livros conhecidos como apócrifos.

### **7.1.2 Pentateuco Samaritano**

Essa obra foi uma, de fato, uma porção manuscrita do próprio texto hebraico, não sendo na verdade uma tradução, nem versão.

Contém os cinco Livros de Moisés, pois os samaritanos aceitavam apenas o Pentateuco.

### **7.1.3 Traduções Siríacas**

O idioma siríaco (aramaico) era comparado ao grego Koiné, ao latim da Vulgata. Era a língua comum do povo nas ruas. As

principais versões siríacas do Novo Testamento são as seguintes:

- 1.** Siríaco Antigo. São conhecidos dois manuscritos principais desta obra:
  - a)** O Siríaco Curetônio é um pergaminho do século V, que se encontra no Museu Britânico. Recebeu este nome em homenagem ao Dr. Curretan, que o editou.
  - b)** O Siríaco Sinaítico é um palimpsesto do século IV, descoberto no monastério de Santa Catarina, no Sinai em 1892.
- 2.** Versão Peshita. A palavra “peshita” significa “simples” ou “comum”, sendo conhecida como Vulgata Siríaca. Tem apenas vinte e dois Livros do Novo Testamento, faltando-lhe 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse. Segundo o professor Russel Norman Champlin, “o peshitto é representado por 350 manuscritos existentes, alguns dos quais recuam até aos séculos V e VI”.<sup>4</sup>

Outras versões siríacas surgiram depois dessas que já tratamos. Em 508, na Síria, em Hierápolis, sob a direção de Filoxeno foram adicionados ao cânon das igrejas sírias os Livros excluídos da versão Peshita, ou seja, 2 Pedro, 2 e 3

---

**4.** CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*. Vol.

1. São Paulo: Candeia, 1995, p. 95.

João, Judas e Apocalipse. Em 616, Tomás de Heracléia, bispo de Mabugue, reeditou o texto de filoxeno, produzindo uma versão distinta, que se tornou conhecida como Siríaca heracleana.

### **7.1.4 A Tradução Latina (Vulgata Latina)**

Por mais de mil anos predominou no cristianismo ocidental uma grandiosa tradução da Bíblia, a *Vulgata Latina*. Vários estudiosos haviam traduzido as Escrituras para o latim, entretanto foi na pessoa de Sofrônio Eusébio Jerônimo que a versão latina se firmou.

Por volta do século III d.C., o latim começou a substituir o grego como língua de ensino no vasto mundo romano. Um texto uniforme e confiável era extremamente necessário para uso teológico e litúrgico. Havia muita confusão a respeito dos textos latinos da Bíblia, atochado de heresias e controvérsias. É dessa época os Concílios de Nicéia (325), o de Constantinopla I (381) e o de Éfeso (431).

Devido à diversidade de versões, traduções, revisões bíblicas no século IV, Dâmaso, bispo de Roma (366-384), inconformado com essa situação, providenciou uma tradução do texto da Antiga latina, encarregando Jerônimo, eminente erudito no latim, grego e hebraico, de fazer a tradução, que se denominou *Vulgata latina*.

Jerônimo começou o seu trabalho com uma tradução da Septuaginta em grego. Logo desistiu de seu intento, visto que a Septuaginta era considerada, inclusive por Agostinho,

verdadeiramente a Palavra de Deus inspirada, inerrante, da parte de Deus, em vez de mera tradução não-inspirada baseada em originais hebraicos.

Mais tarde, sob forte oposição e saúde precária, voltou-se para o texto hebraico que estava em uso na Palestina, como texto base para sua tradução, concluindo em 405, completamente sua tradução latina do Antigo Testamento hebraico, que não recebeu calorosa recepção de imediato.

Após a sua morte em 420 sua tradução do Antigo Testamento sobressaiu sobre as demais traduções, servindo de base para a maioria dos tradutores da Bíblia anteriores ao século XIX.

## CAPÍTULO OITO

# 08

---

# As traduções para o português<sup>5</sup>

*A história registra que o primeiro texto bíblico traduzido para a língua portuguesa foi*

---

**5.** Este capítulo foi extraído da *Bíblia de Referências Thompson*, publicada

pela Editora Vida, com algumas adaptações. O texto é de autoria de Jefferson

Magno Costa e Abraão de Almeida.

*produzido por Dom Diniz (1279-1325), rei de Portugal.*

Exímio conhecedor do latim clássico e estudioso da Vulgata, Dom Diniz deliberou enriquecer sua língua materna traduzindo as Sagradas Escrituras para nosso idioma, baseado na Vulgata Latina.

Embora lhe faltasse perseverança, traduziu do latim, do próprio punho, vinte capítulos do Livro de Gênesis, antes mesmo da tradução inglesa de João Wycliffe, que somente em 1380 traduziu as Escrituras para o inglês.

Fernão Lopes afirmou em seu curioso estilo de cronista do século XV, que Dom João (1385-1433), um dos sucessores de Dom Diniz ao trono português, fez grandes letrados em linguagem dos Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos e das Epístolas de Paulo, para que aqueles que ouvissem fossem mais devotados a Deus. Esses “grandes letrados” eram padres que também se utilizaram da Vulgata Latina em seu trabalho de tradução.

Enquanto esses padres trabalhavam, Dom João I, também conhecedor do latim, traduziu o livro de Salmos, que foi reunido aos livros do Novo Testamento traduzidos pelos padres. Seu sucessor, Dom João II, outro grande defensor das traduções bíblicas, mandou gravar no seu cetro a parte final do versículo 31 de Romanos 8: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”, atestando assim quanto os soberanos portugueses reverenciavam a Bíblia.

Como nessa época a imprensa ainda não havia sido inventada, os Livros eram produzidos em forma *manuscrita* fazendo-se uso de folhas de pergaminho. Isso tornava sua circulação extremamente reduzida. Por ser um trabalho lento e caro, era necessário que ou a Igreja Romana ou alguém muito rico assumisse os custos do projeto. Ninguém mais indicado para isso que os nobres e os reis.

Outras figuras da monarquia de Portugal também realizaram traduções parciais das Escrituras. A neta do rei Dom João I e filha do infante Dom Pedro, a infanta Dona Filipa, traduziu do francês os Evangelhos. No século XV surgiram publicados em Lisboa o Evangelho de Mateus e trechos dos demais Evangelhos, trabalho realizado pelo frei Bernardo de Alcobaça, que pertenceu à grande escola de tradutores portugueses da Real Abadia de Alcobaça. Ele baseou suas traduções na Vulgata Latina.

A primeira harmonia dos Evangelhos em língua portuguesa, preparada em 1495 pelo cronista Valentim Fernandes e intitulada *De Vita Christi*, teve os seus custos de publicação pagos pela rainha dona Leonora, esposa de Dom João II. Cinco anos após o descobrimento do Brasil, Dona Leonora mandou também imprimir o Livro de Atos dos Apóstolos e as Epístolas universais de Tiago, de Pedro, de João e de Judas, que haviam sido traduzidos do latim vários anos antes por frei Bernardo de Brinaga.

Em 1566 foi publicada em Lisboa uma gramática hebraica para estudantes portugueses. Ela trazia em português, como texto básico, o Livro de Obadias.

No início do século XIX, o padre Antônio Ribeiro dos Santos traduziu os Evangelhos de Mateus e de Marcos, ainda hoje inéditos.

É fundamental salientar que todas essas obras sofreram, ao longo dos séculos, implacável perseguição da Igreja Romana, e de muitas delas só escaparam um ou dois exemplares, hoje raríssimos. A Igreja Romana também amaldiçoou a todos os que conservassem consigo essas “traduções da Bíblia em idioma vulgar”, conforme as denominava.

## **8.1 Período das traduções completas**

Aprouve a João Ferreira de Almeida a grandiosa tarefa de traduzir pela primeira vez para o português o Antigo e o Novo Testamento. Nascido em 1628, em Torre de Tavares, nas proximidades de Lisboa, João Ferreira de Almeida, quando tinha doze anos de idade, mudou-se para o sudeste da Ásia. Após viver dois anos na Batávia (atual Jacarta), na ilha de Java, Indonésia, Almeida partiu para Malaca, na Malásia, e através da leitura de um folheto em espanhol acerca das diferenças da cristandade, converteu-se do catolicismo à fé evangélica. No ano seguinte começou a pregar o evangelho no Ceilão (atual Sri Lanka) e em muitos pontos da costa de Malabar.

Antes dos dezessete anos de idade iniciou o trabalho de tradução da Bíblia para o português, mas lamentavelmente perdeu o seu manuscrito e teve de reiniciar a tradução em 1648.

Por conhecer o hebraico e o grego, Almeida pôde utilizar-se dos manuscritos dessas línguas, calcando sua tradução no chamado *Textus Receptus*, do grupo bizantino. Durante esse exaustivo e criterioso trabalho, ele também se serviu das traduções holandesa, francesa (tradução de Beza), italiana, espanhola e latina (Vulgata).

Em 1676, João Ferreira de Almeida concluiu a tradução do Novo Testamento, e naquele mesmo ano remeteu o manuscrito para ser impresso na Batávia; todavia, o lento trabalho de revisão a que a tradução foi submetida levou Almeida a retomá-lo e enviá-lo para ser impressa em Amsterdã, na Holanda. Finalmente, em 1681 surgiu o primeiro Novo Testamento em Português, trazendo no frontispício os seguintes dizeres, que transcrevemos literalmente:

*“O Novo Testamento, isto é, Todos os Sacros Sanctos Livros e Escritos Evangélicos e Apostólicos do Novo Concerto de Nosso Fiel Salvador e Redentor Jesus Cristo, agora traduzido em português João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Sancto Evangelho. Com todas as licenças necessárias. Em Amsterdã, por Viúva de J. V. Someren. Anno 1681”.*

Milhares de erros foram detectados nesse Novo Testamento de Almeida, muitos deles produzidos pela comissão de eruditos que tentou harmonizar o texto em português com a

tradução holandesa de 1637. O próprio Almeida identificou mais de dois mil erros nessa tradução, e outro revisor, Ribeiro dos Santos, afirmou ter encontrado número bem maior.

Logo após a publicação do Novo Testamento, Almeida iniciou a tradução do Antigo Testamento, e, ao falecer, em 6 de agosto de 1691, havia traduzido até Ezequiel 41.21. Em 1748, o pastor Jacobus op den Akker, da Batávia, reiniciou o trabalho interrompido por Almeida, e cinco anos depois em 1753, foi impressa a primeira Bíblia completa em português, em dois volumes. Estava, portanto, concluído o inestimável trabalho de tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida.

Apesar dos erros iniciais, ao longo dos anos, estudiosos evangélicos têm depurado a obra de João Ferreira de Almeida, tornando-a a preferida dos leitores de fala portuguesa.

## **8.2 Tradução de Figueiredo**

Nascido em 1725, em Tomar, nas proximidades de Lisboa, o padre Antônio Pereira de Figueiredo, partindo da Vulgata Latina, traduziu integralmente o Novo Testamento, gastando dezoito anos nessa laboriosa tarefa. A primeira edição do Novo Testamento saiu em 1778 em seis volumes. Quanto ao Antigo Testamento, os dezessete volumes de sua primeira edição foram publicados de 1783 a 1790. Em 1819 veio à luz a

Bíblia completa de Figueiredo, em sete volumes, e em 1821 ela foi publicada pela primeira vez em um só volume.

Figueiredo incluiu em sua tradução os chamados livros apócrifos que o Concílio de Trento havia acrescentado aos Livros canônicos em 8 de abril de 1546. Esse fato tem contribuído para que sua tradução seja ainda hoje apreciada pelos Católicos Romanos nos países de fala portuguesa.

Na condição de exímio filólogo e latinista, Figueiredo pôde utilizar-se de um estilo sublime e grandiloquente, resultando seu trabalho em um verdadeiro monumento da prosa portuguesa. Porém, por não conhecer os idiomas originais e ter-se baseado tão somente na Vulgata, sua tradução não tem suplantado em preferência popular o texto de Almeida.

# 09

---

## A Bíblia no Brasil

*Em 1847 publicou-se em São Luís do Maranhão o Novo Testamento, traduzido pelo frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, que se baseou na Vulgata.*

Esse foi, portanto, o primeiro texto bíblico traduzido no Brasil. Essa tradução tornou-se famosa por trazer em seu prefácio pesadas acusações contra as “Bíblias protestantes” que, segundo os acusadores, estariam falsificadas e falavam “contra Jesus Cristo e contra tudo quanto há de bom”.

Em 1879, a Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro publicou o que ficou conhecida como A Primeira Edição Brasileira do Novo Testamento de Almeida. Essa versão foi revista por José Manoel Garcia, docente do Colégio D. Pedro II; pelo pastor M. P. B. de Carvalhosa, de Campos, Rio de Janeiro, e pelo primeiro agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, pastor Alexandre Blackford, ministro do evangelho no Rio de Janeiro.

Harpa de Israel foi o título que o notável hebraísta P. R. dos Santos Saraiva deu à sua tradução dos Salmos publicada em 1898.

Em 1909, o padre Santana publicou sua tradução do Evangelho de Mateus, vertida diretamente do grego. Três anos depois, J. Basílio Teles publicou a tradução do livro de Jó, com sangrias poéticas. Em 1917 foi a vez de J. L. Assunção publicar o Novo Testamento, tradução baseada na Vulgata latina.

Em 1917, traduzido do velho idioma etíope, surgiu isoladamente no Brasil, o Livro de Amós, traduzido por Esteves Pereira. Seis anos depois, J. Basílio Pereira publicou a tradução do Novo Testamento e do Livro dos Salmos, ambos baseados na Vulgata. Por essa época surgiu no Brasil (infelizmente, sem indicação de data) a Lei de Moisés (Pentateuco), edição bilíngue hebraico-português, preparada pelo rabino Meir Masiah Melamed.

O padre Humberto Rohden foi o primeiro católico a traduzir no Brasil o Novo Testamento diretamente do grego.

Publicada pela instituição Católica Romana Cruzada Boa Esperança, em 1930, essa tradução, por estar baseada em textos considerados inferiores, sofreu severas críticas.

Todos esses acima mencionados fizeram traduções parciais das Sagradas Escrituras, entretanto paralelamente, a partir do ano de 1902, as Sociedades Bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil patrocinaram nova tradução das Escrituras para o português, baseada em manuscritos melhores que os utilizados por Almeida. A comissão constituída para tal fim, composta de especialistas nos vernáculos originais, entre eles o gramático Eduardo Carlos Pereira, fez uso de ortografia correta e vocabulário erudito. Publicado em 1917, esse trabalho ficou conhecido como Tradução Brasileira. Apesar de ainda hoje apreciadíssima por grande número de leitores, essa Bíblia não conseguiu firmar-se no gosto do grande público.

Coube ao padre Matos Soares realizar a tradução mais popular da Bíblia entre os católicos na atualidade. Publicada em 1930 e baseada na Vulgata, essa tradução possui notas entre parênteses defendendo os dogmas da Igreja Católica Romana. Por esse motivo recebeu apoio papal em 1932.

A primeira revisão da Bíblia em português feita pela Trinitarian Bible Society (Sociedade Bíblica Trinitária) foi iniciada no dia 16 de maio de 1837. Essa decisão foi tomada seis anos após a formação da Sociedade. O primeiro projeto escolhido para a publicação da Bíblia numa língua estrangeira pela Sociedade foi o português. O Reverendo

Thomas Boys, do Trinity College, Cambridge, foi encarregado de liderar o empreendimento. No ano de 1969, em São Paulo, foi fundada a Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, com o objetivo de revisar e publicar a Bíblia de João Ferreira de Almeida como Edição *Corrigida e Revisada* fiel ao texto original.

Em 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas encomendaram a um grupo de *hebraístas, helenistas e vernaculistas* competentes, uma revisão da tradução de Almeida. A comissão melhorou a linguagem, a grafia de nomes próprios e o estilo da Bíblia de Almeida. Em 1948 organizou-se a Sociedade Bíblica do Brasil destinada a “Dar a Bíblia à Pátria”. Essa entidade fez duas revisões no texto de Almeida, uma mais aprofundada, que deu origem à Edição *Revista e Atualizada* no Brasil, e uma menos aprofundada, que conservou o antigo nome *Corrigido*.

Em 1967, a Imprensa Bíblica Brasileira, criada em 1940, publicou a sua Edição *Revisada* de Almeida, comparada com os textos em hebraico e grego. Essa edição foi posteriormente reeditada com ligeiras modificações.

Mais recentemente, a Sociedade Bíblica do Brasil traduziu e publicou a Bíblia na linguagem de hoje (1988). O propósito básico dessa tradução tem sido o de apresentar o texto bíblico numa linguagem comum e corrente.

Em 1990, a Editora Vida publicou a sua Edição contemporânea da Bíblia de Almeida. Essa edição eliminou arcaísmo e ambiguidades do texto quase tricentenário de

Almeida, e preservou, sempre que possível, as excelências do texto que lhe serviu de base.

Uma comissão constituída de especialista em grego, hebraico, aramaico e português, coordenada pelo Rev. Luiz Sayão, sob o patrocínio da Sociedade Bíblica Internacional agraciou o público brasileiro com a Nova Versão Internacional, mais conhecida como NVI no ano 2000.

Durante a última ou as duas últimas décadas tem havido uma grande quantidade de novas traduções, numerosas demais para serem mencionadas aqui. Algumas se empenharam em serem interpretações literais dos originais, enquanto que outras são definitivamente paráfrases.

## BIBLIOGRAFIA

# Referências

ARCHER JR, Gleason. *Merece Confiança o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar*. São Paulo: Editora Batista Regular, 1995.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.

BOICE, James Montgomery. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*. São Paulo: Sociedade Religiosa Vida Nova, 1997.

BRUNELLI, Walter. *Curso Intensivo de Teologia*. Vol. 1. São Paulo: Ministério IDE, 1999.

CARSON, D. A. *A Exegese e suas Falácias*. São Paulo: Editora Vida Nova.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1995, p. 527.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Vol. 1. São Paulo: Candeia, 1995.

COMFORT, Philip Wesley. *A Origem da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

- DOCKERY, David S. *Manual Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.
- DRANE, John. *A Bíblia: fato ou fantasia?* São Paulo: Bom Pastor Editora, 1994.
- DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da Teologia Pentecostal*. São Paulo: Editora Publicadora Quadrangular, 1991.
- ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- FEE, Gordon D. e STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* São Paulo: Editora Vida Nova, 2000.
- GEISLER, Norman e NIX, William. *Introdução Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 1997.
- GEISLER, Norman. *A inerrância da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- GILBERTO, Antonio. *A Bíblia Através dos Séculos*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.
- GRUDEM, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Editora Vida, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os Livros históricos*. São Paulo: Editora Vida, 1996.
- HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1997.
- ICP. *Curso Interdenominacional de Teologia*. Módulo 1. São Paulo: ICP Editora, 2003.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus. Obra completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

- KELLY, J. N. D. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- MENZIES, William W. e HORTON, Stanley M. *Doutrinas Bíblicas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.
- MYER, Pearlman. *Através da Bíblia Livro por Livro*. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. São Paulo: Editora Vida, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999.
- SHANKS, Hershel. *Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- STEIN, Robert. *Guia Básico para Interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.
- THOMPSON, Frank Charles. *Bíblia de Referências Thompson*. São Paulo: Editora Vida, 1990.
- TONINI, Enéas e BENTES, João Marques. *Janelas para o Novo Testamento*. São Paulo: Louvores do Coração, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Período Interbíblico*. 7ª edição. São Paulo: Louvores do Coração, 1992.